



Evento: XXVI Jornada de Pesquisa

CRISE SOCIOAMBIENTAL E SABERES NA RELAÇÃO SOCIEDADE E NATUREZA¹

SOCIO-ENVIRONMENTAL CRISIS AND KNOWLEDGE IN THE RELATIONSHIP OF SOCIETY AND NATURE

Adrieli Laís Antunes Aquino², Daniel Rubens Cenci³, Cleusa Maria Rossini⁴, Fernanda Gewehr de Oliveira⁵

¹ Grupo de Pesquisa (CNPq): Direitos Humanos, Justiça Social e Sustentabilidade.

² Mestranda em Direito na UNIJUI, Bacharela em Direito pela UNIJUI, integrante do Grupo de Pesquisas: “Direitos Humanos, Justiça Social e Sustentabilidade (UNIJUI – CNPQ)”, e-mail: adri-l-@hotmail.com;

³ Pós Doutor em Geopolítica Ambiental Latinoamericana na USACH, Universidade de Santiago, Chile; Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento, UFPR; Mestre em Direito, UNISC; Graduado em Direito, UNIJIÚ. Professor dos cursos de Mestrado e Doutorado em Direitos Humanos da UNIJUI; Professor do Mestrado em Sistemas Ambientais e Sustentabilidade da UNIJUI. E-mail: danielr@unijui.edu.br;

⁴ Professora. Mestranda no curso de Pós-Graduação em Sistemas Ambientais e Sustentabilidade da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. Integrante do Grupo de Pesquisas: Direitos Humanos, Justiça Social e Sustentabilidade (UNIJUI – CNPQ). E-mail: cleusam210@gmail.com;

⁵ Advogada. Mestranda no Curso de Pós-Graduação em Sistemas Ambientais e Sustentabilidade da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI. Integrante do Grupo de Pesquisas: Direitos Humanos, Justiça Social e Sustentabilidade (UNIJUI – CNPQ). E-mail: nanda_gewehr@hotmail.com.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar a atual crise socioambiental que o mundo está enfrentando, o tema da pesquisa justifica-se devido à intensa necessidade de educação ambiental que a atual sociedade exige. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, a partir de produções científicas hospedadas na Internet e em livros. Na relação entre sociedade e natureza, compreender e relacionar o progresso social ligado à degradação ambiental no modo de produção e consumo. Verifica-se que a atual crise socioambiental está intimamente ligada ao consumismo e ao modo de produção capitalista, que, esgota os recursos naturais e polui o meio ambiente. De tal modo que a exploração dos recursos naturais e o consumo desenfreado pós moderno, bem como a capitalização de todos os recursos necessários à vida, como a água e alimentos, por exemplo, devem ser práticas alteradas pela democratização do acesso aos recursos e, por uma ética sustentável na produção e consumo.

Palavras-chave: Meio Ambiente; Direito; Sociedade.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the current socio-environmental crisis that the world is facing, the research theme is justified due to the intense need for environmental education that the



current society requires. The methodology used is bibliographic research, based on scientific productions hosted on the Internet and in books. In the relationship between society and nature, understand and relate social progress linked to environmental degradation in the mode of production and consumption. It appears that the current socio-environmental crisis is closely linked to consumerism and the capitalist mode of production, which depletes natural resources and pollutes the environment. In such a way that the exploitation of natural resources and the unrestrained post-modern consumption, as well as the capitalization of all the resources necessary for life, such as water and food, for example, should be practices changed by the democratization of access to resources and, by sustainable ethics in production and consumption.

Keywords: Environment; Right; Society.

INTRODUÇÃO

A natureza não apresenta capacidade ilimitada de receber todos os rejeitos produzidos pela sociedade humana, além dos prejuízos para as pessoas, os animais sofrem também, intensamente com a degradação dos seus habitats. Normalmente em locais com alta densidade humana a fauna é prejudicada.

Pode-se afirmar que a tática de produção causa danos irreversíveis ao meio ambiente, ao passo que o sistema capitalista impõe às empresas condutas não ecológicas na produção e comercialização de seus serviços. Com objetivo de lucrar, resta pouco espaço para éticas e saberes ambientais no *modus operandi* das grandes multinacionais.

Muitos empresários e governantes acreditam que as florestas, rios e demais áreas de preservação somente serão viáveis se tiverem valor econômico agregado. O que é um entendimento errôneo, que possibilita empresas poluidoras devastarem imensos ecossistemas. O valor que os recursos naturais possuem é imensurável, é o que torna viável a vida, são proporcionados para todos, devendo ser direito de todos os seres humanos.

Dito isto, o presente trabalho se propõe a analisar a atual crise socioambiental que o mundo está enfrentando. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica, a partir de produções científicas hospedadas na Internet e em livros. Na relação entre sociedade e natureza, compreender e relacionar o progresso social ligado à degradação ambiental no modo de produção e consumo capitalista.



CRISE SOCIOAMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO

Inicialmente, é importante ressaltar a premissa de que todos os seres e sistemas vivos do Planeta Terra devem ser tratados com igualdade, o entendimento de que todas as formas de vida importam e são necessárias para a resiliência e o equilíbrio ambiental consolida a proteção ecológica, pois reconhece que o ser humano faz parte da natureza e, precisa preservá-la.

O homem surgiu na Terra há cerca de 1 milhão de anos e relacionava-se com sua natureza localizada nas regiões em que apareceu, procurando tirar dela o essencial para que pudesse sobreviver. Desse modo, o homem, como todos os outros animais, apareceu na Terra com o instinto de autopreservação. Em outras palavras, pode-se dizer que o instinto de autopreservação é a vontade manifesta pelo homem de manter-se vivo. Não caberia aqui, procurar as razões científicas que provam ter o homem o instinto de autopreservação. (SILVA, 1978, p.68)

Vinculada ao progresso social está à degradação do meio ambiente, pode-se afirmar que a população mundial tem se distanciado do contato direto com a natureza, isto é, do ambiente natural e migrado para ambientes modificados. Os espaços modificados podem ser rurais ou urbanos, no caso dos urbanos os efeitos da aglomeração de pessoas são muito mais notáveis, na reorganização da natureza para as cidades, têm-se como consequência poluição e geração de abundantes resíduos e rejeitos.

Tal qual o entendimento de Cenci, o Brasil possui na sua constituição o bem ambiental, que destaca a proteção e preservação ambiental, transcendendo a dimensão da natureza para estabelecer uma vinculação entre homem e natureza, sendo uma vertente do socioambientalismo. No artigo 225, consta que garantir o equilíbrio ecológico e preservá-lo para as presentes e futuras gerações é um dever do poder público e da coletividade. (CENCI, 2009, p. 87)

Deste modo, o consumismo desenfreado e a constante devastação dos recursos naturais, bem como a desigualdade social que desrespeita os direitos humanos são características da crise socioambiental que o mundo globalizado está padecendo. Muito embora fartos de regramentos e orientações atualmente, o modo de vida capitalista está desrespeitando as premissas dos deveres de proteção ambiental.

Os sinais de uma crise socioambiental podem ser observados a partir das décadas de 60 e 70 do século XX, relaciona-se a uma crise global que abrange e atinge, embora de modo desigual, todos os continentes, ecossistemas e sociedades. Tal como aludem Baeta e outros, as fronteiras geográficas, políticas e sociais foram ressignificadas, mas, os países desenvolveram



capacidades de defesa a crise conforme seus próprios níveis de riqueza, educação e organização política. (BAETA *et al*, 2005, p.110)

O modo de vida da civilização industrial, gerou injustiças sociais de difícil reparação, pois, a crise atingiu a todos, os níveis de poluição atmosférica e consequente aumento da temperatura global se entendem em todo território terrestre. Porém, os países mais desenvolvidos possuem mais preparo para lidar com os efeitos, restando aos menos abastados sofrerem mais com as consequências.

Aponta Estenssoro que o mundo desenvolvido e super industrializado, também conhecido como Primeiro Mundo ou Norte Global, desencadeou a crise ambiental, sendo o resultado do próprio crescimento econômico e elevado nível de qualidade e padrão de vida. Sendo esta forma de desenvolvimento industrial que gerou os imensos transtornos ecológico e ambientais, que, pela primeira vez na história colocou-se em risco a continuidade da vida do ser humano no planeta e a resiliência da biosfera. (ESTENSSORO, 2019, p. 21)

A biosfera do Planeta Terra é um sistema muito complexo, compreende as áreas do planeta que possuem seres vivos, sendo interligada com as outras (hidrosfera, litosfera e atmosfera) em equilíbrio. Se uma das partes do planeta estiver exaurida, a vida provavelmente cessaria. À medida que os danos à biosfera aumentam devido a ação antrópica, a vida fica cada dia mais ameaçada, tal como entende Ulrich Beck:

A la vista de los peligros globales, difundidos intensiva y extensivamente por los medios de comunicación, el otro, el extranjero, es alguien tan presente para nosotros como nosotros para él, nos guste, lo sepamos o queremos enterarnos o no. Y sólo a causa de que nuestra propia posición como sujetos en el mundo está amenazada, y de que los extranjeros tienen el mismo estatus de sujetos en un mundo amenazado, ni nosotros ni ellos estamos en condiciones de rechazar las demandas de ayuda y compasión, de ser escuchados y comprendidos. De hecho, ocurre de manera natural. Y en seguida hay que añadir: de manera tanto más persistente y emocional cuanto más indeclinables son tales demandas. (BECK, 2008, p. 259)

A atual sociedade de risco, em crise, não admite que as fronteiras humanas sejam critérios de limitação das ações de preservação ambiental, pois, o risco de um meio ambiente inapropriado para a prosperidade das condições de vida, é de todas as nações.

Tal como exemplifica Beck, as soluções globais devem ser encontradas, não necessariamente por meio de guerras, mas por meio da negociação, tratados internacionais e



acordos. Ainda que os países que desejam a preservação dos recursos globais, reivindiquem para si a maior parte dos recursos energéticos.

Así, por ejemplo, las amenazas medioambientales globales pueden hacer que la población del planeta (incluidas las generaciones futuras) se vea como una comunidad de destino (no exenta, sin embargo, de conflictos). Si, por ejemplo, los países industrializados exigen la preservación de recursos globales importantes, como las selvas tropicales, mientras simultáneamente reclaman para sí la parte del león de los recursos energéticos, las contradicciones son manifiestas. Pero estos conflictos ya tienen por sí mismos una función integradora al dar a entender que hay que encontrar soluciones globales, y no precisamente mediante guerras sino por medio de la negociación. (BECK, 2008, p. 247)

Ademais, é preocupante o número de pessoas que habitam o planeta, sendo crescente a estimativa de vida a cada ano, bem como a natalidade é um índice que é alto, principalmente nos países subdesenvolvidos. O problema demográfico é real, assim como Silva compreende, a população crescente da Terra consome muito as reservas naturais e, numa ótica de exploração capitalista atual, a má distribuição de riquezas é mais acentuada e tende a se acentuar cada dia mais, gerando extensas populações sem qualidade de vida. (SILVA, 1978, p.09)

A catástrofe do clima se impõe como uma nova realidade, e, a mudança climática ameaça reduzir o ritmo, e/ou regredir os resultados alcançados pela saúde pública mundial no combate contra muitas enfermidades. Quando ocorrem eventos climáticos extremos, como secas e inundações, o efeito é atroz sobre a saúde, principalmente para as pessoas mais vulneráveis, que detêm menos recursos.

Es un riesgo, una realidad amenazante, un futuro hecho presente, una anticipación provista de todos los síntomas de la inseguridad y que aspira a transformar la manera de actuar de gobiernos, de directivos de empresas, de todos los seres humanos en definitiva. (BECK, 2008, p. 127)

O aquecimento global, resultado do acúmulo dos gases de efeito estufa na atmosfera, traz muitos riscos na medida em que o gradual aquecimento da atmosfera altera os ciclos de balanço climático, nos quais as civilizações vêm se desenvolvendo ao longo dos anos. Necessário atentar às florestas, pois o desmatamento afeta diretamente na mudança do clima, aumentando a temperatura do local e reduzindo as chuvas.

Tal como ilustra Beck em sua Teoria da Sociedade de Risco, que traz à tona além da constatação da crise socioambiental devido aos problemas do mundo industrializado, menciona a dificuldade de prever, calcular e perceber os novos riscos produzidos pela modernidade técnico-científica e industrial. Tal como elucidam Baeta e outros, os cidadãos dependem do



conhecimento técnico científico da ciência, tendo em vista que são obrigados a recorrerem ao mesmo em face da imperceptibilidade dos novos riscos, como por exemplo, à radiação nuclear e mutação genética. (BAETA *et al*, 2005, p.112)

Na opinião de Cenci, riscos como a ameaça nuclear e o aquecimento global resultam dos processos de produção que beneficiam a poucos, acumulação de riquezas nas mãos de uma elite, e seus impactos diretos são profundamente desiguais. Na produção de metais, por exemplo, além da intoxicação dos trabalhadores das minas, a poluição se estende para toda a sociedade próxima, haja vista que no entorno das minas são lançados resíduos, lixo tóxico e esgotos a céu aberto, onde residem as famílias dos trabalhadores, sendo que, o lucro de toda produção não permanece com os mesmos, tampouco aparece na comunidade local. (CENCI, 2009, p. 77)

Pesquisadores já constataram que a crise ambiental fora resultado de um crescimento tecnológico intenso e industrial, sem as premissas ecológicas necessárias para que houvesse uso racional dos recursos naturais. O modo organizacional neoliberal de exploração dos recursos entre países desenvolvidos para os subdesenvolvidos é o exemplo mais acertado de como a natureza fora tratada na história do desenvolvimento da sociedade humana.

O Grupo Bariloche assinalou que o problema principal do mundo não eram os limites físicos do planeta, nem os temores ecomalthusianos que manifestava o Primeiro Mundo, mas o problema principal que havia gerado a crise ambiental era de caráter sociopolítico e radicava na desigual distribuição do poder e da riqueza no mundo. Para os latino-americanos, portanto, a deterioração do meio físico não era “uma consequência inevitável do progresso humano, senão o resultado de uma organização social cimentada em valores em grande parte destrutivos” e, nesse sentido, o destino humano não dependia “em última instância de barreiras físicas insuperáveis, senão de fatores sociais e políticos que aos homens compete modificar” (Ibid., p.12,124, *apud* ESTENSSORO, 2019, p. 56)

Os limites do crescimento industrial, que Estenssoro estuda a partir da geopolítica ambiental, indicam que as dificuldades sociais encontradas pelas pessoas de menor poder aquisitivo e, que residem em zonas de baixa qualidade ambiental são creditadas ao injusto sistema organizacional moderno, o meio ambiente as pessoas se tornam injustiçados pelas premissas políticas baseadas em valores capitalistas.

SOCIEDADE E NATUREZA X CRESCIMENTO INDUSTRIAL E SEUS RISCOS



Devido ao crescimento acelerado industrial e os riscos novos, a incalculabilidade dos mesmos prende-se à complexidade das novas tecnologias e a extensão de seus efeitos. Bem como pontuam Baeta e outros, tais riscos ambientais superam, as categorias até então estabelecidas, como tempo e espaço, Estado-Nação, tempo de trabalho e de lazer, e fronteiras continentais e geracionais. (BAETA *et al*, 2005, p.114)

A conscientização popular para a defesa ambiental é matéria recente em termos históricos e, o ambientalismo, através de mobilizações, inseriu a pauta na sociedade. A importância de compreender a natureza em sua totalidade ambiental e as consequências de que todos os atos no cotidiano podem causar atritos na biosfera e afetar a vida do coletivo.

Sim, o ambientalismo “inseriu o direito natural entre o mercado e o Estado”, mas como lembra o sociólogo, só a ocorrência de catástrofes levou as autoridades a tomarem medidas, os empresários se conscientizarem e a população se mobilizar em defesa do meio ambiente. Foi assim que todos os ecossistemas brasileiros – Mata Atlântica, Amazônia, Pampa, Pantanal, Cerrado, Caatinga, Semi - Árido - foram gradativamente atingidos pela onda mundial de conscientização ambiental. (BONES, HASSE, 2007, p. 13)

Ao passo que, a crise socioambiental tem múltiplas faces, sendo ecológica, econômica e de direitos, tais faces se sobrepõem por vezes e, também, se reforçam. Uma vez que a globalidade da questão ecológica é colocada como a continuação dos celeumas das classes sociais, tal como Ulrich Beck entende, pode representar o impulso não desprezível de tentar impor uma política para neutralizar as consequências do aquecimento global. (BECK, 2008, p. 128)

O aquecimento global altera maciçamente o clima do globo, compreende o transcurso da mudança da temperatura média atmosférica e oceânica. O calor emitido pelo Sol é bloqueado devido ao acúmulo de altas concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera que mantém o calor na superfície terrestre, acarretando no aumento da temperatura média da Terra.

Um dos traços mais globalizados da crise refere-se às alterações de ordem climática mundial. Conquanto a maioria dos cidadãos medianamente informados não saiba explicar com detalhes os mecanismos do chamado efeitos estufa, não lhe é de todo desconhecido que a responsabilidade por sua configuração cabe ao acúmulo de gases liberados pela queima de combustíveis fósseis na indústria e nos motores de veículos, além da destruição de florestas pelo fogo ou por outros meios. O mesmo ocorre com o esgarçamento do escudo de ozônio. (BAETA, *et al*, 2005, p.41)

É intenso o efeito da poluição, como um sintoma da depleção dos ciclos ecológicos, haja vista a produção de comodidades tecnológicas da vida pós-moderna. Deve-se considerar que o funcionamento de um ciclo ecológico nem sempre é reiniciado logo que cessa a pressão externa exercida pelos seres humanos. De acordo com Silva, o efeito de determinado agente



externo ao ciclo se propaga em etapas, retardando, assim, a sua capacidade de auto-ajuste. (SILVA, 1978, p.32)

Por outras palavras, Waldman entende que: “na lógica do capitalismo, é necessário destruir a natureza para então transformá-la em mercadoria.” Com a queda da qualidade de vida devido à deterioração ambiental, a ecologia amplificou seu espaço de fala, chegando ao mercado, infelizmente, no geral em forma de marketing apenas, sem eficácia ecológica de fato na preservação. (WALDMAN, 2002, p.13)

A título de exemplo, as catástrofes ambientais estão ocorrendo muito mais devido às ações dos seres humanos, e, não por causas naturais, como outrora. Neste caso, Estenssoro alega serem as elites do Norte mundial, isto é, os países que iniciaram as colonizações, a revolução industrial, os considerados de primeiro mundo, que têm a maior parcela da culpa na crise socioambiental: “Nesse sentido, a geração e socialização de conceitos pseudocientíficos, como os de “Antropoceno”, e “Fronteiras Planetárias”, são extraordinariamente úteis a seus projetos políticos.” (ESTENSSORO, 2019, p. 174)

Da mesma forma, em âmbito interno, a produção e o meio ambiente adquiriram novos contornos. Atualmente com o avanço científico- tecnológico, os produtos e serviços estão muito mais avançados que as leis/regulamentações, os riscos e garantias de um certo produto são muito diferentes do que alguns anos atrás, as leis de proteção ambiental e pessoal estão inferiores e até relapsas em relação ao rápido progresso de tais áreas.

Las reglas establecidas de depuración de responsabilidades (causalidad y culpa) fracasan. Es decir, su aplicación persistente en la administración, la gestión y la jurisprudencia genera el efecto contrario: los peligros crecen debido a su anonimización. Formulado en otros términos: las viejas rutinas de decisión, control y producción (en los ámbitos del derecho, la ciencia, la administración, la industria y la política) provocan la destrucción material de la naturaleza y su normalización simbólica. Ambas cosas se complementan y refuerzan mutuamente. Más concretamente: no es la infracción de la regla sino la regla que normaliza la muerte de especies animales, ríos o lagos. (BECK, 2008, p. 135)

Como se pode notar, o autor supracitado consolida em sua teoria que a responsabilidade nos danos ambientais está sendo uma árdua tarefa, dado que, provar a culpa e o nexo de causalidade (relação entre conduta praticada e o resultado) em uma sociedade em que as tecnologias se renovam e surgem a cada novo dia é fatigante.



A crise ambiental fora advinda da ação dos seres humanos, a partir do ímpeto de transformar o funcionamento ambiental para a vida. Consoante ao pensamento de Estenssoro, o Planeta Terra se fez frágil, porque ao entender que seu funcionamento ecossistêmico global é suscetível de ser abruptamente danificado, por causas naturais e pela própria ação do ser humano, com o desenvolvimento da Revolução Industrial, construíram uma forma de civilização dominante que ameaça o delicado equilíbrio ecossistêmico global. (ESTENSSORO, 2019, p.166)

A vida no Planeta está prejudicada, as alterações ambientais impactam diretamente na capacidade dos biomas. Resultante da poluição desenfreada e falta de ética ambiental, surgem conflitos pelos recursos, que ameaçam de forma crescente os direitos daqueles em situação de vulnerabilidade social.

En cuanto a los riesgos ecológicos que poseen un potencial de amenaza físico están, por un lado, los estragos ecológicos condicionados por la riqueza, como es el caso del agujero en la capa de ozono y el efecto invernadero, que está muy fundado atribuir esencialmente al mundo industrializado occidental pero cuyos efectos son, desde luego, globales; y, por otro, la destrucción ecológica condicionada por la pobreza, generalmente delimitable localmente pero de proporciones no menos alarmantes (como, por ejemplo, la deforestación de las selvas tropicales). (BECK, 2008, p. 270)

A propensão atual de produzir e consumir o máximo possível no menor tempo possível, só pode ser considerada como suicida, por outras palavras, se todos os sistemas de vida se interdependem entre si, o fim da existência de uma espécie colocaria em risco a existência das demais. Tal como alega Silva, é de conhecimento geral que inúmeras espécies foram extintas pela ação predatória do homem, crescendo este número cada vez mais, o que afeta a estabilidade ecológica que requer complexidade e variedade de espécies, sendo assim, o ser humano coloca sua própria existência em risco. (SILVA, 1978, p.17)

A saber, os recursos não renováveis são aqueles que uma vez fruídos não podem ser substituídos como, por exemplo, o combustível fóssil derivado do petróleo, que uma vez utilizado para movimentar um veículo, está perdido para sempre. Além de não se renovarem, o caso do petróleo gera extensa poluição com seu uso.

Outro componente bastante conhecido da presente crise ambiental é a depleção dos recursos não-renováveis, como o petróleo, o gás natural e vários outros minérios. Não é difícil associar essa prática aos problemas climáticos globais e localizados, pois os meios de comunicação social explicam em linguagem simples que os minérios fósseis, extraídos das profundezas da terra, depois de queimados nas fábricas e em veículos automotores, transformam-se em gases atirados nas mais altas camadas da atmosfera. (BAETA, *et al*, 2005, p.42)



As atuais ameaças ecológicas globais estão criando um vazio de significados na modernidade, pois os papéis de herói e vilão adquirem um novo significado político. Nas palavras de Beck, a compreensão do mundo nos moldes da auto-ameaça ecológico-industrial faz com que a moral, a religião, o fundamentalismo, sempre entrelaçadas com seus opostos de salvação, libertação - se tornem um drama compartilhado. Onde a economia, de portas abertas, desempenha ao mesmo tempo o papel de herói e vilão. (BECK, 2008, p. 145)

Entender, primeiramente, que é necessário manter a mínima interferência possível nos processos ecológicos, para que os ciclos de morte- restauração se mantenham na natureza. A presença de senso crítico para tanto é imprescindível, tendo em vista que:

A ecologia não é só a defesa do meio ambiente. Defesa do meio ambiente é defesa da vida. Defesa da vida é a defesa de uma vida melhor. Defesa da igualdade, da responsabilidade, da fraternidade. E isso não pode acontecer sem uma ecologia social e humana. Com liberdades asseguradas, sem radicalismos. Sem ter nada de direita e de esquerda. Os ecologistas não são esquerdistas. Aliás, esse conceito de direita e esquerda foi ultrapassado. Hoje nós vemos os Estados Unidos dando a mão para a China, mas de briga com Cuba, intervindo no Iraque, mas apoiando o Talibã, não só deixando trabalhar como fornecendo armas. (BONES, HASSE, 2007, p. 177)

Impreterivelmente conceber a noção do exponencialismo, que parte da premissa de que o meio ambiente não tem limites e equivale a um estoque infinito de recursos à disposição dos seres humanos, sendo estes capazes de perpetuar um crescimento exponencial. Essa premissa utilitarista e antropocêntrica, de acordo com Baeta e outros, possui raízes na tradição judaico-cristã, na revolução científica ocidental do século XVII e na revolução industrial do século XVIII. (BAETA *et al*, 2005, p. 57)

Quando o capitalismo se tornou hegemônico, a discussão é se a natureza deverá ou não continuar na posse do ser humano, ou então, haver uma reformulação geral na relação socioambiental homem/natureza. Expressa Ruy Moreira: “separada dos meios de produção e, por conseguinte, do produto do seu trabalho, a massa de trabalhadores protesta contra o ar e água poluídos, (...) inconscientemente ou não, reage contra o uso do seu trabalho e da natureza que fazem os que dela se apropriam.” (1982:214, *apud*, WALDMAN, 2002, p.12)

As mudanças climáticas, cada vez mais instáveis, são variações no estado do clima da Terra que persistem por um longo período de tempo. De origem natural ou antrópica, tal



fenômeno, historicamente testemunhado, tem ocorrido intensamente em razão da ação dos seres humanos.

El mundo ya no puede controlar los peligros que la modernidad genera; más exactamente, la fe en que la sociedad moderna podría controlar los peligros que genera se desvanece (no a causa de la demora o derrota de la modernidad, sino a causa de sus victorias). El cambio climático, por ejemplo, es producto del éxito de la industrialización, que desprecia sistemáticamente sus efectos sobre la naturaleza y el ser humano. (BECK, 2008, p.25)

Ainda, tal como Estenssoro afirma, a crise ambiental pode piorar seriamente, porque mesmo que haja educação ambiental suficiente e a consciência de que é necessário preservar se amplie, existe a possibilidade de que falhem todas as iniciativas para superar a crise e as variáveis que a compõem. O que gera um cenário onde deverão ser tomadas outros tipos de medidas mais extremas, para garantir a sobrevivência e não ceder ao poder hegemônico neoliberal. (ESTENSSORO, 2019, p.168)

Para que a sociedade não adote salvagens rápidas e, pouco saudáveis em termos ecológicos, abraçando uma salvação capitalista e pouco ecológica. É necessário imbuir um senso coletivo de responsabilidade pelo meio ambiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se que a atual crise socioambiental que o mundo está enfrentando, na relação entre sociedade e natureza, está intimamente ligada ao consumismo e modo de produção capitalista, que, esgota os recursos naturais e polui o meio ambiente.

De tal modo que a exploração dos recursos naturais e o consumo desenfreado pós moderno, bem como a capitalização de todos os recursos necessários à vida, como a água e alimentos, por exemplo, devem ser práticas alteradas pela democratização do acesso aos recursos e, por uma ética sustentável na produção e consumo.

Para que a crise socioambiental seja atenuada e revertida, a sustentabilidade precisa estar presente no cotidiano das cidades, alterando a forma de tratar resíduos, recursos naturais e, em geral, o meio ambiente. Tal como menciona Cenci, a sustentabilidade urbana demanda rever os métodos e os conceitos, avançando para além dos temas ambientais transpostos para o espaço urbano, a fim de gerar uma nova dinâmica sustentável, que transcenda o espaço local, alcançando o regional e o global. (CENCI, 2009, p.244)



Compreender o papel da sustentabilidade ambiental na preservação ambiental é também estabelecer possibilidades de superação do colapso ambiental, que também é conceitual, e, precisa de notoriedade. Para que soluções ambientais sejam promovidas, primeiramente se necessita de conflitos, visibilidades para os problemas e suas causas, nesse diapasão estão os movimentos sociais ambientais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAETA, Anna Maria Bianchini; SOFFIATI, Arthur; LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LIMA, Gustavo Ferreira da Costa; PASSOS, Luiz Augusto; SORRENTINO, Marcos; SATO, Michele; BRUGGER, Paula; LAYARARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de. **Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania**. 3ª edição, 2005, Editora Cortez.

BECK, Ulrich. **La Sociedad del Riesgo Mundial**. En busca de la seguridad perdida. Editora Paidós, 2008.

BONES, Elmar; HASSE, Geraldo. **Pioneiros da Ecologia: breve história do movimento ambientalista no Rio Grande do Sul**. 2ª Edição, Porto Alegre: JÁ Editores, 2007.

CENCI, Daniel Rubens. **CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS URBANO-METROPOLITANOS: cidadania, sustentabilidade e gestão no contexto da RMC – Região Metropolitana de Curitiba**. Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná – UFPR, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Orientação: Prof. Dr. Francisco Mendonça Curitiba (PR) 2009. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/21399/TESE%20DANIEL%20RUBENS%20CENCI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em Junho, 2021.

ESTENSSORO, Fernando. **A Geopolítica Ambiental do Século 21**. Editora UNIJUI, 2019.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Ecologia e Sociedade: uma introdução às implicações sociais da crise ambiental**. Edições Loyola, São Paulo, 1978.

WALDMAN, Maurício. **Ecologia e Lutas Sociais no Brasil**. Editora Contexto, 2002.